CRISTIANISMO E FILOSOFIA

Coleção **Teologia hoje**

- *Reencarnação ou ressurreição: uma decisão de fé*, Renold Johann Blank
- *Introdução à Trindade: para estudantes universitários*, Lynne Faber Lorenzen
- *Teologia do prazer, Ana Márcia Guilhermina de Jesus*; José Lisboa Moreira de Oliveira
- *Introdução à cristologia latino-americana: cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina*, Alexandre Andrade Martins (eBook)
- *A Eucaristia: Jesus como alimento vivo para nós*, Luiz Antonio Miranda
- *Origens do cristianismo*, Eduardo Hoornaert
- *As fontes da Amoris laetitia*, João Décio Passos
- *O que é pecado? Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais*, Isidoro Mazzarolo
- *Desafios atuais para a teologia*, Urbano Zilles
- *Fé e razão no mundo da tecnociência*, Urbanos Zilles
- *Mística, corpo e arte: e Deus se fez sensibilidade*, Lúcia Pedrosa-Pádua; Gerson Lourenço Pereira (org.)
- *Paróquia: comunidade de comunidades, na sociedade em transformação*, Rafael Martins Fernandes
- *O fracasso do ateísmo*, Jesús María Silva Gastignani
- *Cristianismo e filosofia*, Urbano Zilles

URBANO ZILLES

CRISTIANISMO E FILOSOFIA

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Coordenação editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Assistente editorial
Cristiane Barbosa Cardoso

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Preparação do original
Luciana Mourão Maio

Coordenação de *design*
Elisa Zuigeber

Capa
Paulo Cavalcante

Diagramação
Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zilles, Urbano
Cristianismo e filosofia / Urbano Zilles. - São Paulo : Paulus, 2024.
(Coleção Teologia hoje)

ISBN 978-85-349-5331-3

1. Cristianismo - Filosofia 2. Filosofia e religião 3. Teologia cristã I. Título II. Série

23-6942 CDD 201

Índice para catálogo sistemático:
1. Cristianismo - Filosofia

1ª edição, 2024

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5331-3

SUMÁRIO

Apresentação 7

Introdução 11

CAPÍTULO 1: PANORAMA HISTÓRICO 17

CAPÍTULO 2: NA ANTIGUIDADE CRISTÃ 35

2.1 Início de um processo histórico 37
2.2 Período de organização e consolidação eclesial 71
2.3 Agostinho de Hipona 74

CAPÍTULO 3: NA IDADE MÉDIA 81

3.1 Na transição e no medievo 82
3.2 Transição para a modernidade 106

CAPÍTULO 4: ILUMINISMO MODERNO E TRADICIONALISMO 119

4.1 Novos rumos da modernidade 122
4.2 As múltiplas faces do Iluminismo moderno 126
4.3 O tradicionalismo católico 142
4.4 O conceito católico de tradição 149

CAPÍTULO 5: MODERNISMO E ANTIMODERNISMO 157

5.1 Crise modernista no catolicismo 165
5.2 Crise da teologia liberal no protestantismo 178
5.3 Considerações críticas 188

CAPÍTULO 6: FILOSOFIA E FÉ NA CONTEMPORANEIDADE..... 193

6.1 Controvérsia sobre a filosofia cristã..... 196
6.2 Novos desafios para o cristianismo 201
6.3 Preparação do Concílio Vaticano II 217
6.4 O que o Concílio Vaticano II ensinou?..... 219
6.5 Depois do Vaticano II 227
6.6 O desafio da pós-modernidade..... 232

Conclusão 239

Bibliografia 251

APRESENTAÇÃO

O cristianismo é um fenômeno histórico e situa-se na História. Isso significa que vive e mantém sua identidade através das mudanças e transformações, colocando o pensamento histórico a serviço do conteúdo da revelação da mensagem cristã. A comunidade de fé – chamada Igreja – vive e se desenvolve em determinado tempo e lugar, integrada em sua época e cultura. No decurso do tempo, a cultura muda, e mudam os modos de viver, pensar e de se expressar linguística e artisticamente.

A influência mútua entre cultura e filosofia gregas e cristianismo não resulta apenas do encontro direto, pois o próprio acontecimento Jesus Cristo procede da tradição judaica que, por sua vez, se insere no quadro helênico ampliado, de tal modo que o registro original de sua mensagem, isto é, o *Novo Testamento*, somente é disponível, para nós, na língua grega. Mas o objetivo deste estudo não é tematizar o problema da "helenização do cristianismo", levantado e discutido desde o Renascimento. É muito difícil justapor um helenismo puro a um judeu-cristianismo isento de toda a influência exterior. Nosso objetivo é examinar a relação entre cristianismo e filosofia, entre cristianismo e cultura.

Os primeiros cristãos falavam grego, a língua comum do Império Romano. O grego era compreendido no Oriente, em Roma e nas grandes cidades do Ocidente europeu. Assim foi também a língua natural das igrejas ocidentais, de modo particular de Roma. Por isso, no começo, o cristianismo confrontou-se com a cultura grega, determinada pela filosofia. Os autores cristãos rejeitaram o politeísmo da religião grega, e sua atitude para com a filosofia, inicialmente, foi diferenciada: alguns assumiram uma atitude de repulsa ou condenação total; outros, de abertura moderada; e terceiros defenderam apaixonadamente o pensamento helênico.

No início, o cristianismo concorre com a filosofia grega. Mas, através do tempo, o próprio conceito de filosofia também mudou.

A filosofia abrangia todo o saber teórico disponível e propunha uma forma de vida. Já na época do helenismo e na Idade Média, a medicina, a matemática e o direito estabeleceram-se como disciplinas autônomas. No começo dos tempos modernos, as ciências da natureza, ou seja, a biologia, a física e a química se emanciparam. Nos séculos XVIII-XIX, as ciências humanas e sociais, isto é, a história, a sociologia e a economia e, mais recentemente, a psicologia e as ciências da linguagem seguiram o mesmo caminho.

Ao examinar a atitude de abertura dos primeiros cristãos ao pensamento grego, há aqueles que consideram Platão o autor da filosofia mais alta e mais inspirada, capaz de ajudar aos cristãos, que não se contentam com "simples fé" e querem chegar a uma concepção mais adequada de Deus e a uma melhor compreensão da mensagem de Cristo. Entretanto, todos os autores cristãos rejeitavam determinadas doutrinas platônicas, como a metempsicose, doutrinas demonológicas, mas isso não impediu a muitos de admirarem Platão como o maior filósofo de todos os tempos.

O diálogo do cristianismo com a filosofia grega foi o caminho encontrado de uma linguagem comum para anunciar o Evangelho de maneira inteligível ao mundo e dar maior consistência lógica ao seu discurso. Mas isso nem sempre foi uma vantagem, pois essa mesma filosofia, no século XVII, já se tornou um obstáculo para encarnar a fé cristã no Oriente. Não acompanhando a evolução cultural, o cristianismo tende a tornar-se um corpo estranho na própria cultura ocidental, que cada vez é mais determinada pela tecnociência, oferecendo uma visão fragmentada, inacabada e dinâmica do mundo e das coisas. O cristianismo tradicional, que facilmente tende a identificar unidade com uniformidade, parece sentir dificuldade de encontrar uma conexão com a cultura plural contemporânea. Não deveriam a teologia e a pregação comunicar-se em linguagem mais bíblica, direta e inteligível no mundo secular de hoje?

O autor é de parecer que o maior desafio da Igreja católica no mundo contemporâneo não é a ortodoxia doutrinária, mas encarnar o Evangelho de Cristo na cultura plural, sempre mais determinada pela tecnociência e sua linguagem. É uma cultura centrada no

empirismo racionalista, marcada pela ausência referencial de significado, e exige-se competência para evangelizá-la. Inspirado na Sagrada Escritura e na transmissão de sua mensagem através da História, o autor tenta encontrar lugar para repensar a fé cristã e indicar o caminho para inculturá-la com credibilidade no mundo moderno e pós-moderno, sem identificar cristianismo e cultura. Na Igreja católica, hoje, não faltam sucessores de Pedro, mas fazem muita falta os sucessores de Paulo.

Porto Alegre, 1° de junho de 2022
Urbano Zilles

INTRODUÇÃO

No início do cristianismo, os *padres apostólicos* (ca. 90-160 d.C.) ocuparam-se quase exclusivamente de questões pastorais, manifestando escasso interesse pelas escolas filosóficas da época. Davam prioridade à pregação e à catequese. Elaboraram e escreveram suas reflexões com o objetivo de instruir o povo, conduzindo as comunidades no caminho da fé. Entre tais escritos, podemos citar *Didaqué*,[1] *Carta de Barnabé, Pastor de Hermas, Carta a Diogneto*[2] e autores como Clemente de Roma, Pápias, Policarpo e Inácio de Antioquia.[3]

Em meados do século II, passa a ocorrer o confronto entre a fé cristã e a cultura grega, entre o cristianismo e a filosofia grega. Esse confronto tornou-se inevitável, porque ambos reivindicavam a posse de uma sabedoria para a plena realização humana. Além disso, antes do cristianismo, os filósofos gregos já tinham criado o termo *teologia* para tratar de Deus(es) e de tudo que a ele(s) se refere como parte da própria filosofia (metafísica), pois a filosofia grega também tratava de religião e de Deus.

O confronto com a filosofia grega proporcionou ao cristianismo a possibilidade de reivindicar validade universal para sua mensagem com recurso à argumentação racional. O diálogo, de parte dos cristãos, foi conduzido por intelectuais convertidos ao cristianismo – *os padres apologistas* – que tinham frequentado as escolas pagãs de filosofia. Cedo surgiram diferenças entre pensadores cristãos e pagãos, como também entre os próprios cristãos. Os dois primeiros apologistas – Justino e Taciano – expressam posições opostas quanto à filosofia grega. Clemente de Alexandria

[1] DIDAQUÉ: catecismo dos primeiros cristãos. Prefácio, tradução do original grego e comentários de U. Zilles. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
[2] Carta a Diogneto. *In*: *Padres apologistas*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. p. 9-30. (Coleção Patrística 2).
[3] ROMANO, Clemente *et al*. *Padres apostólicos*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística 1).

demonstrou, na teoria e na prática, como a filosofia pode contribuir para uma compreensão mais profunda e uma articulação racional da verdade revelada. No Ocidente, o motivo da "fé em busca da inteligência" garantiu à filosofia um papel importante e permanente no desenvolvimento teológico através da formulação dos problemas, na precisão de termos e conceitos emprestados para comunicar o Evangelho de Cristo de maneira inteligível ao povo. Alguns padres chegaram a declarar que a filosofia é preparação para o cristianismo.

No encontro do cristianismo com o helenismo, aos poucos, o cristianismo até passou a ser considerado "a verdadeira filosofia", sendo a filosofia absorvida paulatinamente pela teologia cristã até a alta Idade Média. Entrementes, sempre houve exceções, pois grandes pensadores, como Agostinho, Anselmo de Cantuária e Tomás de Aquino, distinguiram claramente entre filosofia e teologia cristã, pois a filosofia tem sua fonte na razão, e a teologia, na fé e na revelação. Nos tempos modernos e contemporâneos, a teologia distanciou-se não só das ciências, rejeitando, durante longo tempo, o *heliocentrismo* de Galileu Galilei e o *evolucionismo biológico* de Charles Darwin, mas também das filosofias modernas e contemporâneas.

Depois do Concílio de Trento (1545-1563), nos cursos de filosofia das faculdades e dos seminários, estudam-se muito os pensadores antigos e medievais, mas há uma lacuna muito grande para um diálogo efetivo com os pensadores modernos e contemporâneos. Enquanto os antigos padres estudavam nas escolas pagãs, depois do Concílio de Trento, a formação do clero passou para a clausura dos seminários. É mais fácil repetir "pensamentos pensados" em outras circunstâncias culturais, com outra visão de mundo, na clausura dos seminários, que elaborar "pensamentos pensantes" no confronto com os problemas reais do mundo no qual estamos inseridos. A teologia cristã tradicional distanciou-se cada vez mais da cultura e da vida contemporânea, acumulando ideias abstratas e tentando identificar o mundo com elas, sem maior compromisso com a realidade em permanente e célere transformação.

No passado, o cristianismo foi criativo. O apóstolo Paulo ousou enfrentar problemas concretos de seu tempo dentro da cultura da época, saindo da sinagoga para a praça de Atenas. Onde há espaço para a necessária liberdade, certamente não faltam criatividade e ação. Problemas científicos ou filosóficos não se resolvem com proibições, censuras e excomunhões, pois a missão da Igreja é orientar o mundo para a salvação e não o condenar pelo dinamismo que o próprio Criador nele colocou. Seria uma contradição o cristão dizer "sim" ao Criador e "não" à sua obra. Cabe-lhe anunciar a Boa-nova da Palavra de Deus ao mundo de hoje, na linguagem e na cosmovisão atuais, buscando respostas novas para os problemas novos à luz da fé e da revelação. Por outro lado, sobram respostas para perguntas hoje não mais feitas.

Desde o Renascimento e o Humanismo, na transição do medievo para a modernidade, também surgiu um distanciamento entre pensadores católicos e não católicos, entre filosofia e teologia, entre teologia e ciências modernas. Na viragem do século XIX para o século XX, houve relevantes tentativas para reconectar a Igreja católica ao desenvolvimento cultural, filosófico e científico, mas essas tentativas, muitas vezes, foram recusadas ou condenadas ao silêncio. Na Igreja católica, somente após a Segunda Guerra Mundial, a resistência das autoridades eclesiásticas tornou-se mais frágil, graças a teólogos, como Karl Rahner, Hans Küng, Hans Urs von Balthasar, Yves Congar, Henri de Lubac, Joseph Ratzinger e muitos outros, que deram sua contribuição corajosa dentro da grande herança cristã e, paulatinamente, quebraram a rejeição global das mudanças. Por outro lado, os estudos de filósofos, como o francês Maurice Blondel e o belga Joseph Maréchal, estimularam homens, como J. B. Lotz, J. de Finance, A. Marc, E. Coreth, B. J. F. Lonergan, a abrir novos caminhos, levando a filosofia e a teologia das escolas ao encontro do pensamento moderno num diálogo com a crítica kantiana, com o idealismo e com as filosofias contemporâneas.

Salvaguardando o verdadeiro conteúdo da revelação, o Concílio Vaticano II indicou pistas importantes para mediar entre a verdadeira tradição e a percepção dos novos "sinais dos tempos".

Infelizmente, a Igreja católica vive polarizada entre "os pioneiros de uma Igreja aberta ao mundo" e "os guardiães da verdadeira doutrina cristã". As mudanças numa cultura são permanentes e cada vez em ritmo mais acelerado. Nesta nova situação, é preciso tomar consciência de que a teologia cristã, até meados do século XX, nunca refletiu seriamente a *historicidade do pensamento*. O próprio discurso da Igreja sobre a Palavra de Deus transmite, concomitantemente, concepções do homem e do mundo que necessitam de um vigilante exame crítico: como é possível mediar, de maneira racionalmente plausível, a fé no Deus uno e trino que se manifesta a si mesmo a nós de tal modo que nosso discurso se torne inteligível e relevante?

Nosso conceito atual do mundo e do homem não é o mesmo que o dos antigos gregos nem o do medievo. Nosso conceito de filosofia e de ciência também não mais é o do início dos tempos modernos. Ciências separaram-se da filosofia, desenvolveram metodologias e procedimentos próprios e, de alguma forma, limitaram a abrangência e as perspectivas da mãe filosofia. A própria filosofia fragmentou-se num conjunto numeroso de disciplinas e métodos de proceder. Há estudiosos que tendem a seguir o modelo das ciências, especializando-se em algum autor ou em determinada corrente ou disciplina: kantianos, hegelianos, fenomenólogos, marxistas etc. Os especialistas de algumas áreas formam, cada qual, sua associação. Além disso, a metafísica neoescolástica entrou numa crise profunda.

A teologia cristã parece não ter levado suficientemente a sério essa fragmentação e a autonomia dos saberes nos tempos modernos da cultura pluralista. Com isso, distanciou-se não só das filosofias modernas e contemporâneas, mas também das ciências, desvinculando-se da complexa experiência da vida humana em nossos dias, pairando num mundo abstrato de ideias doutrinárias abstratas, desvinculadas do mundo da vida.

Neste trabalho, selecionamos alguns tópicos históricos relevantes, indicando que o anúncio da Palavra de Deus deve transmitir a verdade da Tradição, sem deixar de perscrutar os novos "sinais dos tempos". A linguagem sempre tem um índice local e temporal,

e a fé cristã se concretiza e realiza no espaço e no tempo. As formulações teológicas são históricas. O mistério de Deus sempre permanecerá mistério que podemos aceitar ou rejeitar, sem, todavia, conhecê-lo plenamente no sentido atual do termo. Nenhuma filosofia ou teologia o esgotará.

Considerando a História uma maneira eficaz de conhecer e apresentar a identidade de uma pessoa ou instituição, selecionamos alguns momentos mais importantes e críticos da longa história de mais de dois mil anos do cristianismo. No decurso dessa longa história, mudaram muitas coisas não só na filosofia, mas também no cristianismo. É preciso estudar essa história para compreender e interpretar a experiência de fé da comunidade cristã e estabelecer sua identidade através das mudanças.

Primeiro o cristianismo separou-se do judaísmo, mantendo o monoteísmo, o código de ética (os Dez Mandamentos), o espírito de comunidade e a Bíblia judaica e acrescentando, todavia, o Novo Testamento. Saiu da sinagoga para conquistar o mundo pagão para o Evangelho e se impôs a esse mundo e ao poder adverso do Império Romano. Cedo enfrentou controvérsias internas, como o gnosticismo, o marcionismo e o montanismo. Nessa história, coube um papel decisivo à filosofia nascida na Grécia Antiga, pois as diferentes culturas no Império Romano estavam determinadas pela filosofia, e, na Idade Média, pela teologia cristã. Entretanto, nos tempos modernos, a cultura humana passa a ser determinada cada vez mais pela tecnociência.

Hoje, o cristianismo certamente deverá prender-se menos à linguagem da abstrata e estática metafísica grega e medieval e encarnar-se em formas modernas e contemporâneas para enfrentar problemas novos, como os existenciais e hermenêuticos, a formulação da doutrina da fé e da revelação em nova linguagem, na cosmovisão atual pluralista, como o tentou fazer com sucesso o Concílio Vaticano II, sem renunciar à identidade cristã. Essa é a tese que, a nosso ver, desafia seriamente o catolicismo atual para evitar que, no futuro, papas tenham de continuar pedindo desculpa ao mundo por erros do passado. Afinal, quem somos nós para condenar as transformações culturais resultantes do cumprimento da missão